

A ÁGUA DA VIDA

Edgar Andrews

Preletor na 7ª Conferência Fiel em Portugal - 2007

Muitas igrejas reformadas sofrem uma grave sequidão espiritual. No cenário atual, comparado com o de cinquenta anos atrás, há poucas conversões a Cristo, pouca evidência de piedade pessoal e falta de entusiasmo por missões e evangelismo. O compromisso com Cristo e sua igreja está em baixa. O que podemos fazer?

Ao considerar o papel do Espírito Santo na evangelização, surgem três perguntas: 1) Precisamos do Espírito Santo na evangelização? 2) Devemos mencioná-Lo em nosso evangelismo? 3) Quais as atividades dEle na evangelização?

A principal resposta à primeira destas perguntas encontra-se no começo da era evangélica. João Batista declarou: “Aquele, porém, que me enviou a batizar com água me disse: Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo” (Jo 1.33; ver também Lc 3.16).

Há duas verdades distintas aqui.

Primeira, o próprio Cristo foi capacitado pelo Espírito Santo em sua proclamação do evangelho. Como Jesus descreveu o seu ministério público? Citando Isaías 61.1-2: “O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados...”

CUMPRINDO A PROMESSA

Por sua vez, os discípulos foram proibidos de pregar, até que recebessem a unção do Espírito (At 1.4-5). Paulo recordou aos crentes de Tessalônica: “O nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção” (1 Ts 1.5). Pedro resumiu o assunto quando se referiu àqueles “que, *pelo Espírito Santo enviado do céu*, vos pregaram o evangelho” (1 Pe 1.12). No Novo Testamento, esta é a única maneira pela qual o evangelho pode ser verdadeiramente pregado.

A segunda verdade é que João Batista *define* o ministério de Cristo como a outorga do Espírito Santo sobre o seu povo. As palavras do apóstolo João não são apenas uma predição referente ao Dia de Pentecostes, são também uma afirmação poderosa sobre a missão de Cristo — “Cristo nos resgatou da maldição da lei... para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, *a fim de que recebêssemos*, pela fé, *o Espírito prometido*” (Gl 3.13-14, ênfase acrescentada).

Não podemos evangelizar sem o pleno envolvimento do Espírito Santo em cada etapa.

FALANDO SOBRE O ESPÍRITO SANTO

Nossa segunda pergunta é muito interessante. Devemos *mencionar* o Espírito Santo em nosso evangelismo?

Reconhecendo que o Espírito Santo é o cerne de todo evangelismo verdadeiro, devemos fazer menção dEle quando nos dirigimos aos não-salvos? Os incrédulos precisam ouvir sobre o Espírito Santo como parte integral da pregação do evangelho?

O Novo Testamento responde “sim”. Quando Jesus se envolveu no evangelismo prático, Ele não hesitou em falar *claramente* sobre o Espírito Santo. Jesus disse a Nicodemos que ele tinha de “nascer... do Espírito” e ofereceu “a água viva” do Espírito Santo à mulher samaritana, no poço de Jacó, bem como às multidões reunidas na Festa dos Tabernáculos (Jo 3.5-7; 4.10; 7.37-39).

Com a mesma clareza, Pedro se

referiu ao Espírito Santo no Dia de Pentecostes. “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, *e recebereis o dom do Espírito Santo*” (At 2.38, ênfase acrescentada). E essa não foi uma “oferta limitada” que marcou o início da Nova Aliança, visto que Pedro continuou: “Para vós outros é a promessa [do Espírito], para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar”.

Décadas mais tarde, Paulo expressou o interesse de que os discípulos de Éfeso entendessem que uma posse consciente do Espírito Santo é necessária, para alguém desfrutar a segurança de salvação (At 19.1-6).

O Novo Testamento apresenta o Espírito Santo como Aquele que dá o poder pelo qual o evangelho tem de ser pregado e como a essência do dom do evangelho. Frequentemente, reconhecemos a primeira dessas verdades, mas raramente apreciamos a segunda.

ESPERANDO NA OBRA DO ESPÍRITO

Nossa pergunta final é: “Quais as atividades dEle no evangelismo?” Nossa resposta é importante porque afeta profundamente nossas expectativas, quando pregamos o evangelho de Cristo.

As obras do Espírito no evangelismo são três. Primeira, conforme já vimos, é dar poder à pregação do evangelho. Paulo testemunhou: “A minha palavra e a minha pregação não

consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder” (1 Co 2.4).

A segunda operação é convencer aqueles que estão mortos em delitos e pecados — convencê-los de que são responsáveis por seus próprios pecados, diante de Deus. O Senhor Jesus prometeu: “Quando ele [o Espírito] vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado” (Jo 16.8-11).

Sem entrar nos detalhes desta passagem, é claro que mentes cegas por Satanás (2 Co 4.4) não serão abertas pela persuasão ou pelo raciocínio humano. Uma obra espiritual de convicção é necessária — um abrir do coração para o evangelho. E somente Deus, o Espírito Santo, pode realizar essa obra.

RESSUSCITANDO OS MORTOS

A terceira operação do Espírito é, sem dúvida, trazer os mortos à vida! Ninguém pode ver ou entrar no reino de Deus, se não “nascer de novo” ou nascer do Espírito (Jo 3.1-8). Paulo se regozijava nesta obra de regeneração do Espírito; ele disse: “Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor

com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, — pela graça sois salvos” (Ef 2.4-5).

O propósito imediato do evangelho não é reformar as pessoas ou influenciar a sociedade. Tampouco é encher o auditório da igreja. O propósito do evangelho é comunicar vida espiritual a pecadores mortos em ofensas e pecados. Isto é algo que somente o Espírito Santo pode realizar; e Ele o faz de maneira soberana.

No nível humano, talvez vejamos pouco da operação do Espírito de Deus porque não a pedimos, nem esperamos vê-la. Se o Espírito de Deus está entre nós, estejamos certos de que não impediremos a obra que Ele veio realizar. Mas, se O entristecemos com o nosso baixo nível de expectativa, Ele pode reter a sua liberalidade por algum tempo. O verdadeiro avivamento derrama “água sobre o sedento e torrentes, sobre a terra seca”. Mas isso jaz no soberano dom de Deus, e não podemos fazê-lo acontecer.

Podemos realmente preparar o solo, por meio de oração e fidelidade pertinaz a Cristo. Mas, visto que os sintomas da sequidão espiritual incluem falta de oração e negligência, estamos presos em um ciclo vicioso.

Talvez tenha exagerado na figura. Há exceções e lugares em que o reino de Deus está avançando de modo admirável — embora essas

— ■ —

*Os incrédulos precisam
ouvir sobre o Espírito Santo
como parte integral da
pregação do evangelho?*

— ■ —

chamas de avivamento não sejam bem vistas por alguns, porque estão acontecendo agora, e não no século XVIII. Mas esses acontecimentos são a exceção, e não a regra. O que podemos fazer?

NEGLIGENCIANDO O ESPÍRITO

Existe algo que creio podemos e devemos fazer. Devemos buscar uma maior consciência experimental do Espírito Santo e um entendimento mais profundo do ensino bíblico a respeito da sua Pessoa e obra.

As igrejas reformadas, em geral, estão negligenciando estes aspectos do evangelho e da vida cristã — sem dúvida porque tememos o declive escorregadio dos excessos carismáticos. Mas um evangelho que não tem lugar para o Espírito de Deus não é o evangelho. Também não somos verdadeiros filhos de Deus, se não somos “guiados pelo Espírito” (Rm 8.14).

Estamos negligenciando o Espírito Santo. Raramente pregamos sobre a sua Pessoa e obra. Não é feita qualquer menção a Ele em nosso evangelismo — em contraste nítido com a prática do Novo Testamento. Em meio a abundante literatura evangélica reformada, há poucos livros a respeito do Espírito Santo, em nossos dias, e menos ainda a respeito de nosso relacionamento com a terceira Pessoa do Deus trínuo.

O contrário é verdade no movimento carismático. As prateleiras das livrarias evangélicas gemem sob o peso desses livros! Mas, em sua maioria, não têm utilidade, porque fazem o leitor retirar a sua atenção

de Cristo e agradam os desejos carnis por misticismo, emoções e “poder”.

EVITANDO OS PERIGOS

Um pouco de inquietação é compreensível. Um pastor carismático de nossa cidade descreveu sua chamada como “pregar o evangelho do Espírito Santo”. Mas é claro que o Novo Testamento desconhece esse tipo de evangelho — conhece somente o evangelho de Cristo — pois a obra do Espírito é glorificar a Cristo. Como disse Jesus: “Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar” (Jo 16.14).

Creio que foi Charles Spurgeon quem disse: “Eu olhava para Cristo, e a pomba da paz voava ao meu coração. Olhava para a pomba, e estava embora novamente”. Não ousamos tirar nossos olhos de Cristo, quer para encontrarmos a salvação, quer para correremos a carreira que nos está proposta (Hb 12.2).

Mas não devemos ir ao outro extremo e ignorar o Espírito Santo, pois isto significa virar as costas ao Novo Testamento. Muitos crentes ainda estão quase na condição de Atos 19: “Nem mesmo ouvimos que existe o Espírito Santo” (v. 2).

Você recorda que essas palavras foram proferidas em resposta à pergunta de Paulo: “Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando cresces?” Quantos evangelistas reformados ousam fazer essa pergunta em nossos dias? Sim, ela é tão relevante hoje como sempre o foi.

A IGREJA QUE DISCIPLINA

Jim Elliff

Na *Conferência Fiel para Pastores e Líderes*, em 2006, Jim Elliff contou a história do adultério de seu próprio pai, para enfatizar a necessidade de disciplina na igreja. Leia a história e descubra por que Jim está tão convicto de que toda igreja deve exercer disciplina sobre os membros que erram. Incluída como anexo desta revista, acha-se uma declaração sobre a disciplina na igreja, escrita por Jim Elliff e outros autores. Esta declaração tem sido usada por várias igrejas e agora encontra-se disponível a países de língua portuguesa.

Creemos que esta declaração sobre a política de disciplina na igreja é fiel à Bíblia e pode ser extremamente útil para qualquer igreja. Se sua igreja não tem uma declaração sobre a disciplina, talvez queira adotar esta apresentação bíblica como a sua posição. Ou queira usá-la como fonte para escrever a sua própria. Acima de tudo, oramos para que cada igreja que ainda não tem um plano de ação referente à disciplina de seus membros adotem uma declaração referente à disciplina na igreja, tão rápido quanto possível.

Permita-me dizer-lhe por que a disciplina na igreja é importante para mim.

Alguns anos passados, meu pai, um ministro do evangelho, deixou minha mãe, por causa de adultério com a sua secretária. Tenho a permissão dele para contar a história. Ele tem agora 89 anos de idade.

Este acontecimento nos deixou arrasados. Não temos visto divórcio com frequência em nossa extensa família. Todos somos crentes, e muitos de nós estamos no ministério; e isso ocorre há quatro gerações. Quando meu pai trabalhava como um executivo da denominação, começou a aconselhar sua secretária a respeito do casamento. Ela encontrou em

meu pai o que não achava em seu marido. Logo, surgiram as cumplicidades, e, em seguida, o adultério. Meu pai fez o que nos dissera nunca deveríamos fazer: aconselhar uma pessoa do sexo oposto em uma sala fechada. O adultério aconteceu quatro meses antes de papai aposentar-se.

Os quatro filhos se reuniram, vindos de lugares distantes, na casa de papai, a fim rogar-lhe que se arrependesse. Ele pareceu arrepende-se naquela ocasião, mas logo recuou de seu arrependimento. Assim como a esposa de Ló, seu coração estava distante, embora ele reconhecesse que não havia nada da parte de mamãe que causasse o distanciamento. Ele não voltou atrás. Pelo contrário, divorciou-se de mamãe, casou-se com a secretária e mudou para outra cidade. Seus anos de aposentadoria, que deveriam encher-se de atividades e viagens ministeriais, eram agora um sonho impossível.

Dois anos depois, mamãe faleceu. Ela morreu do mal de Alzheimer, cujos efeitos não foram percebidos até depois do divórcio. Mamãe permanecera fiel, orava com fervor por seu marido e se mostrava admiravelmente perdoadora. Mas, falando com moderação, o divórcio a arrasara; ela nunca imaginara que isso poderia lhe acontecer.

Antes de mamãe falecer, papai se arrependeu verdadeiramente. Com lágrimas de angústia por suas ações, ele rogou o perdão da família e veio ao leito de morte de mamãe, para conversar, antes que ela morresse. Mas o dano já estava feito. Ele perdera seu trabalho, sua reputação, sua confiança, o respeito da família, seu

futuro ministério, sua alegria e a certeza de sua própria salvação. Papai havia sido um tolo.

Estamos agora a 25 anos daquele tempo horrível. Felizmente, papai foi restaurado à vitalidade cristã, embora com cicatrizes. Seu arrependimento fora verdadeiro e duradouro. Ele tem procurado ajudar outros a evitar as ações pecaminosas que cometera no passado. Recentemente, como um homem idoso, ele falou a um grupo de pastores batistas de um dos nossos estados: “Sou um testemunho de fracasso no ministério”. Mas também lhes falou sobre a admirável graça de Deus.

Neste ano, nós, os quatro filhos, levamos papai à viagem de sua vida. Viajamos a dez pequenas cidades, para visitar todos os lugares memoráveis da infância de papai. Fomos ao lugar de sua conversão, sua chamada ao ministério, sua primeira igreja, etc. Foi uma viagem que jamais esqueceremos. Sorrimos e choramos, tiramos fotos e contamos histórias durante todo o percurso.

Um dia, tomamos uma estrada velha que levava ao cemitério isolado e quieto onde mamãe fora sepultada; o cemitério ficava a onze quilômetros da familiar cidade sulina onde mamãe crescera. Foi a primeira vez que papai viu a sepultura. Vinte anos antes, ele se recusara a ir ao funeral, para não criar problemas. Quando nos aproximamos da sepultura, seu corpo convulsionou, com lágrimas, enquanto se apoiava em nós. “Como posso ter feito o que fiz a esta mulher tão amável?”, ele lamentou. Aquele foi um momento de angústia, mas também de alívio para todos nós.

Por que conto esta história pessoal? Na época do adultério, nossa família tentou convencer o pastor da igreja de papai, uma das mais proeminentes na grande cidade onde meus pais moravam, a praticar a disciplina eclesiástica em papai. Esperávamos que, naquele período vulnerável, ele ouviria e mudaria de atitude, se a igreja exercesse esta prática bíblica restauradora. A igreja se recusou a fazê-lo. Estou certo de que a recusa se deu porque a igreja não era acostumada a esse tipo de ação, mas também por causa da posição de meu pai na igreja e na cidade.

Quando estávamos no carro, após a experiência no cemitério, fiz esta pergunta: “Papai, insistimos com sua igreja que o disciplinasse, quando você cometeu adultério. Eles não o quiseram. Você acha que, se o tivessem disciplinado, isso o teria impedido de abandonar mamãe?”

Papai, que sempre admite a culpa do seu pecado e não permite que ninguém mais tenha parte naquele pecado, fala com bastante humildade: “Acho que teria”.

Agora, quero perguntar ao leitor: a igreja que meus pais freqüentavam foi amável ao recusar discipliná-lo? Os membros daquela igreja estavam sendo graciosos e bondosos? Estavam fazendo o que era melhor para ele?

Além disso, aquela igreja estava amando a Deus, quando não disciplinou meu pai? Estava seguindo a Jesus Cristo, o Cabeça da igreja? Estava ajudando outras famílias? Estava ajudando os crentes em toda a cidade? Estava instruindo os filhos mais no-

vos e os jovens da igreja no caminho de santidade e pureza do casamento?

Qual é a verdade em tudo isso? A verdade é: a disciplina por parte da igreja é a ação mais benevolente que pode ser praticada em relação a um membro errante; e, quando essa disciplina não é exercida, há uma flagrante desobediência a Deus.

RESTAURANDO OS QUE CAEM

Sejamos práticos a respeito deste assunto importantíssimo. Toda a igreja precisa ter uma declaração concernente à disciplina. Incluso nesta revista (ou disponível na Editora Fiel) encontra-se um livrete sobre a disciplina na igreja que pode ser adotado, ou adaptado, para o seu uso. O livrete chama-se “Disciplina Bíblica na Igreja”. É uma declaração referente à disciplina na igreja que eu e outros pastores de nossa igreja preparamos.

No passado, estive envolvido na redação de várias declarações similares. Mas esta é a mais clara e mais praticável apresentação desta doutrina. Quando outras igrejas começaram a pedir cópias desta declaração, decidimos colocá-la em forma de livrete. Dr. Jay Adams a publicou em seu novo *Jornal de Ministério Moderno*, tornando-a mais acessível aos leitores. Agora, a Editora Fiel a oferece como uma ferramenta para sua igreja.

Não presumo que todos vocês considerarão esta declaração a melhor para adotarem. No entanto, se não encontrarem outra melhor ou não puderem redigir a de vocês mesmos,

pensem em aceitá-la como o plano de disciplina de sua igreja.

Quero sugerir que você obtenha para os líderes da igreja cópias deste livrete, atentando cuidadosamente a cada linha, examinando os versículos citados e conversando sobre as implicações e estratégia que a sua igreja seguirá, quando o pecado entrar na membresia. Depois, considerem a possibilidade de reunir todos os homens para um tempo de estudo sobre a disciplina na igreja, usando esta declaração. Por fim, poderiam apresentá-la a todos os membros. E, no processo de tomar decisões, a igreja poderia adotar esta declaração como a maneira de praticar a disciplina na igreja.

Temos achado proveitoso que todos os novos membros de nossa igreja leiam esta declaração de disciplina. Depois, no *Pacto de Membresia* de nossa igreja, acrescentamos estas palavras: submeto-me à disciplina da igreja e aceito com amor minha responsabilidade de participar da disciplina de outros membros, conforme ensinado nas Escrituras.

Vocês podem entender minha preocupação em restaurar esta prática. Se vocês amam as pessoas e a Deus, farão isso. Se negligenciarem a disciplina na igreja, serão desobe-

dientes ao Cabeça da igreja, Jesus Cristo, que ordenou vocês fizessem isso.

Nossos antepassados não foram negligentes às suas responsabilidades de disciplinar, como o são muitas de nossas igrejas hoje. Desde os primeiros dias da obra batista nos Estados Unidos até ao início dos anos 1800, houve poucas exceções. O Dr. Greg Wills, em seu livro *Democratic Religion in the South* (Religião Democrática no Sul — Oxford Press), afirma que no Estado da Geórgia, no Sul, 3 a 4% dos batistas passavam por disciplina eclesiástica; e 1 a 2% tinham de ser excluídos anualmente. Estes dados representam, de algum modo, o que ocorria em outras partes do país. Isto incluía disciplina sobre os que não freqüentavam regularmente a igreja. O resultado da diligência de nossos antepassados foi um vigoroso contingente de igreja naquele período mais vibrante de testemunho e de crescimento exponencial.

John L. Dagg, um dos líderes batistas, disse: “Quando a disciplina abandona uma igreja, Cristo a abandona juntamente com aquela”.

É obrigação de líderes centralizados na Escrituras, como vocês, restaurarem esta prática bíblica.

☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆

Se meditamos nas promessas e levamos em consideração Aquele que prometeu, experimentaremos a doçura delas e obteremos o seu cumprimento.

Charles Spurgeon

(Extraído de *Leituras Diárias*, vol. 2, Editora Fiel, 2007)

A ORAÇÃO NA VIDA E NO MINISTÉRIO DO PASTOR

Mark Dever

A oração é um assunto que muitos de nós endossamos, mas, na realidade, pensamos muito pouco sobre este assunto. Não estou falando a respeito da oração em geral, e sim da oração na vida e no ministério do pastor.

Na única epístola que temos em mãos escrita por Judas, irmão de Jesus, achamos uma advertência fervorosa contra os falsos ensinadores, que estavam invadindo e iludindo a igreja. Judas escreveu de modo sarcástico a respeito deles. Após descrevê-los e rejeitá-los, ele contrasta, no versículo 20, o verdadeiro cristão e os verdadeiros líderes da igreja com os homens não-espirituais.

“Vós, porém, amados, edificando-vos na vossa fé santíssima, orando no Espírito Santo.”

A grande preocupação de Judas, expressa nesta carta, era que a igreja

(ou as igrejas) fosse protegida da falsa doutrina e edificada na verdade. No final da epístola, no versículo 20, lemos: “Orando no Espírito Santo”. No Novo Testamento, há várias passagens em que os crentes são exortados a orar desta maneira. (Ver Efésios 6.18; Tiago 5.16 e Romanos 8.26-27.) Por que isso? Deve haver uma razão para que esse tipo de oração seja tão frequentemente mencionado nas páginas do Novo Testamento. Isso deve nos sugerir algo sobre a importância da oração.

Esta oração no Espírito Santo não é um tipo especial de oração em línguas, ou êxtase particular, que alguns crentes fazem ou não fazem. Pelo contrário, é o tipo especial de oração que os verdadeiros crentes fazem e que os falsos ensinadores não fazem. Isto significa orar de acordo com a vontade do Espírito Santo

e à luz do seu poder. É orar em harmonia com o desejo expresso de Deus e com a verdade do evangelho. Esta maneira de orar contrasta-se com os falsos ensinaidores, que, de acordo com o versículo 19, não têm o Espírito.

A batalha contra o ensino falso, contra as divisões e contra os pecados que aqueles crentes enfrentaram não podia ser vencida na força deles mesmos. Não podiam simplesmente edificar a igreja com base em argumentos. Deus mesmo tinha de estar envolvido na edificação da igreja; portanto, aqueles crentes precisavam invocar a ajuda e orientação de Deus, sua presença e poder com eles. O cristianismo não é uma invenção da mente; não é convencer a si mesmo por meio de argumentos ou de emoções. Pelo contrário, o cristianismo é uma questão de viver genuína e realmente em Deus. Nós, os crentes, não olhamos para o mundo usando óculos cor de rosa, ignorando a realidade, imaginando que existe um ser supremo. Não! Vivemos da maneira como vivemos porque estamos em comunhão com Deus, porque O conhecemos e vivemos com Ele.

A oração nos focaliza em nossa dependência de Deus. Certa vez, o cachorrinho de Martinho Lutero veio à mesa e esperava ansiosamente receber uma porção de comida da parte de seu dono. Ao ver seu cãozinho implorando, com a boca aberta e os olhos imóveis, Lutero disse: “Oh! Se eu pudesse orar da mesma maneira como este cachorro espera pela comida! Todos os seus pensamentos estão concentrados no pedaço de carne. Ele não tem

qualquer outro pensamento, desejo ou esperança” (*Luther’s Tabletalk*, 18 de maio de 1532).

A ORAÇÃO PARTICULAR

Nossa vida de oração é importante tanto em seu aspecto particular como no aspecto público. No aspecto particular, temos de vivenciar nossa confiança em Deus, e muito disso procede da realidade da oração. Em tempos bons, nos humilhamos em oração, louvamos e agradecemos a Deus por tudo que está indo bem. Lembramos a nós mesmos que somos apenas servos indignos. Em tempos difíceis, encorajamos a nós mesmos por meio da oração, recordando que, em última análise, nos tempos difíceis a obra é de Deus. Descobrimos que Deus nos ensina por meio da oração. Em uma situação difícil, talvez comecemos a suplicar que Deus remova a provação. Contudo, à medida que meditamos mais no viver de Cristo, geralmente nos volvemos à oração, rogando que Deus nos purifique por meio da provação. Somos doutrinados por meio dessas provações, enviadas com a permissão de nosso amado Pai celestial. Essa foi a experiência de Paulo relatada em 2 Coríntios 12. Em nossa própria vida, sabemos que existem pecados obstinados, membros da família que não se arrependem, inquietações e cuidados com os quais gastaremos anos de oração, mas o resultado de nossa perseverança nunca é que confiamos menos em Deus; pelo contrário, o resultado é que passamos a amá-Lo mais e a confiar mais nEle. Vemos o evange-

lho e sua suficiência. Chegamos a apreciar o que Deus nos tem dado, em vez de nos preocuparmos com o que Ele não nos dá. Em que outro lugar, além do quarto de oração particular, aprendemos essas lições?

A oração confiante louva a Deus como fiel, digno, cuidadoso, inestimável e bom. Sugere que Deus tem um relacionamento importante e autêntico conosco. Reconhece que nosso ministério procede dEle e gira em torno dEle. Mostra que O reconhecemos como o Grande Pastor, que todo rebanho que pastoreamos é o rebanho dEle e, como afirma a Carta aos Hebreus, que Lhe prestaremos conta de cada uma de suas ovelhas incluídas no rebanho que pastoreamos.

A ORAÇÃO PÚBLICA

A oração pública nos une em nossas congregações. Quando apresentamos as necessidades diante do Senhor, estamos buscando-O, para confiar nEle e exultar na completa dependência dEle. Quando oramos em voz alta, diante da congregação, nossos irmãos e irmãs ouvem algo a respeito de nosso sentimento de dependência de Deus, amando-O e regozijando-se nEle. Levamos o nosso povo a amar e descansar em Deus, nosso Pai. A oração pública nos

ajuda a nos tornarmos os “principais confiantes”, os principais glorificadores de Deus, à medida que somos exemplos de lançar sobre o Senhor os nossos cuidados e deixá-los ali. Podemos ser exemplos de meditação cuidadosa e prudente sobre a grandeza de Deus, sobre os nossos pecados e intercedermos pelos outros e pelas necessidades de outras congregações. A oração pública revela algo sobre o coração do pastor.

E, naqueles tempos em que estamos desanimados, irmãos, vamos ao Senhor. Um de meus livros favoritos é a autobiografia de John Bunyan, intitulada *Grace Abounding to the*

Chief of Sinners (Graça Abundante ao Principal dos Pecadores). Em certo momento, Bunyan descreve as tentativas de Satanás para desencorajá-lo quanto à oração. Eis o relato de Bunyan:

Ora, estando as Escrituras abertas diante de mim, e o pecado, à minha porta, aquele versículo de Lucas 18.1, juntamente com outras passagens, me encorajou a orar. Mas o tentador apareceu novamente, sugerindo: “Nem a misericórdia de Deus, nem o sangue de Cristo dizem respeito a mim ou podem ajudar-me em meu pe-

— ■ —

*A oração pública nos ajuda
a nos tornarmos os
“principais confiantes”,
os principais
glorificadores de Deus,
à medida que somos
exemplos de lançar sobre o
Senhor os nossos cuidados
e deixá-los ali.*

— ■ —

cado. Por isso, será inútil orar”. Apesar disso, eu pensei: vou orar. Mas o tentador disse: “Seu pecado é imperdoável”. Eu pensei: Bem, vou orar. Ele disse: “Não há proveito nisso”. Mas eu disse: vou orar. Assim, saí para orar com Deus. E, enquanto estava em oração, disse: “Senhor, Satanás me fala que nem a tua misericórdia nem o sangue de Cristo são suficientes para salvar minha alma. Senhor, eu Te honrarei ao má-

ximo, crendo que Tu queres e podes? Ou honrarei a Satanás, crendo que Tu não podes e não queres? Senhor, eu Te honrarei, crendo que Tu queres e podes.

Que Deus nos dê essa perseverança em oração! Para edificarmos a nós mesmos e aos outros na fé santíssima, devemos, como pastores e ministros da Palavra, nos dedicar à oração particular e pública, orando regularmente no Espírito.



O amor de Cristo nos constrange a responder *sim*. Sentimos tanto amor fluindo da morte de Cristo para nós, que descobrimos nossa morte na morte dEle — nossa morte para todas as lealdades rivais. Somos tão dominados (“constrangidos”) pelo amor de Cristo, que o mundo desaparece, como que diante de olhos mortos. O futuro abre um amplo campo de amor.

Um cristão é uma pessoa que vive sob o constrangimento do amor de Cristo. O cristianismo não é meramente crer num conjunto de doutrinas a respeito do amor de Cristo. É uma experiência de ser constrangido por esse amor — passado, presente, futuro.

Veja como Charles Hodge expressou isso: “Um cristão é alguém que reconhece a Jesus como o Cristo, o Filho do Deus vivo, como Deus manifestado em carne, que nos amou e morreu por nossa redenção. É também uma pessoa afetada por um senso do amor deste Deus encarnado, a ponto de ser constrangida a fazer da vontade de Cristo a norma de sua obediência e da glória de Cristo o grande alvo em favor do qual ela vive”.

Como não viver por Aquele que morreu nossa morte, para que vivamos por sua vida? Ser um cristão é ser constrangido pelo amor de Cristo.

CARNE FORTE PARA OS MÚSCULOS DE MISSÕES¹

Pensamentos sobre o ministério de Adoniram Judson

John Piper

Estou cada vez mais convencido de que um movimento profundo e duradouro de missões precisará de uma doutrina de salvação que tenha raízes profundas. Em minhas férias, li algumas das memórias de Adoniram Judson. Você recorda que ele foi um Congregacional que se tornou Batista. Judson foi à Birmânia em 1812 e só retornou ao seu país depois de 33 anos.

Courtney Anderson conta a história emocionante e romântica em seu livro *To The Golden Shore* (Rumo à Praia Dourada). Mas, assim como muitos biógrafos de missionários, Anderson parece não saber o que motivava Judson. São as memórias que nos fazem ver as raízes teológicas. Hoje somos teologicamente superficiais e, por isso, não podemos imaginar quão apaixonados por doutrinas eram os primeiros missionários.

O que motivava Judson era, simplesmente, um forte compromisso evangélico com a soberania da graça

(um amor missionário intenso, humilde e reverente chamado calvinismo). Judson escreveu uma liturgia birmanesa e um credo que incluía as seguintes afirmações: “Deus, sabendo desde o princípio que a humanidade cairia em pecado e seria arruinada, por sua misericórdia, escolheu alguns da raça e deu-lhes o seu Filho, para salvá-los do pecado e do inferno... Adoramos a Deus... que envia o Espírito Santo para capacitar aqueles que foram escolhidos antes da fundação do mundo e dados ao Filho”.²

O Breve Catecismo de Westminster, na Pergunta 20, atinge o âmago da fé exercida por Judson e acende o estopim de missões.

Pergunta: Deus deixou todos os homens a perecerem na condenação do pecado e miséria?

Resposta: Deus, motivado por seu beneplácito, desde toda a eternidade, tendo escolhido um

povo para a vida eterna, entrou em um pacto de graça, para livrá-los da condição de pecado e miséria e trazê-los à condição de salvos por meio de um Redentor (Ef 1.3-4; 2 Ts 2.13; Rm 8.29-30; 5.21; 9.11-12; 11.5-7; At 13.48; Jr 31.33).

O termo “aliança da graça” está repleto de esperança agradável e preciosa. Refere-se à decisão e ao juramento espontâneo de Deus para empregar toda a sua onipotência, sabedoria e amor para resgatar seu povo do pecado e miséria. A aliança é iniciada e realizada completamente por Deus mesmo. E não pode falhar. “Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim” (Jr 32.40).

A aliança da graça é válida para todos os que crêem. Todos os que quiserem podem vir e desfrutar desta salvação. E, sendo este querer uma obra da graça soberana de Deus (Ef 2.5-8), aqueles que crerem e vierem são os eleitos — eleitos em Cristo “antes da fundação do mundo” (Ef 1.4). A aliança foi selada no coração de Deus antes que o mundo existisse (2 Tm 1.9).

Esta aliança da graça é o clamor de vitória sobre todos os conflitos no campo missionário. A graça de Deus triunfará. Ele tem um compromisso de aliança e de juramento para salvar todos os que estão predestinados para a vida eterna, de cada tribo, língua, povo e nação (At 13.48; Ap 5.9). “Jesus estava para morrer pela nação [de

judeus] e não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos” (Jo 11.51-52). O clamor da batalha de missões é: “O Senhor tem outras ovelhas, não deste aprisco. Ele as trará (um compromisso de aliança!); elas ouvirão (um compromisso de graça) a voz dEle” (Jo 10.16).

Enquanto estava na Birmânia, Adoniram Judson pregou um sermão sobre João 10.1-18. Qual foi o objetivo de Judson? “Embora envolvidas no amor eletivo do Salvador, [as suas ovelhas] podem até vaguear nas montanhas obscuras do pecado.” Portanto, o missionário tem de chamar a todos com a mensagem de salvação, a fim de que, conforme disse Judson, “o convite de misericórdia e amor, que penetra nos ouvidos e coração apenas dos eleitos”, seja eficaz.³

Se desejamos ver homens semelhantes a Adoniram Judson, William Carey, John G. Paton, Henry Martyn e Alexander Duff surgir entre nós, outra vez, devemos beber a mesma doutrina forte que os governou na causa de missões.

1 Extraído de *Uma Vida Voltada para Deus*, Editora Fiel, 2007, p. 176.

2 Citado em NETTLES, Thomas J. *By his grace and for his glory: a historical, theological, and practical study of the doctrines of grace in baptist life*. Grand Rapids: Baker Book House, 1986. p. 153.

3 *Ibid.*, 149.

ADORAÇÃO NA SALA DO TRONO¹

Robert L. Dickie

Preletor na Conferência Fiel, Brasil - 2007

Jesus Cristo, nosso Senhor, disse: “Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores” (Jo 4.23). Um dos fatos mais admiráveis a respeito de Deus é que Ele está procurando pessoas para adorarem seu Filho, Jesus Cristo.

Se você já se tornou um crente, um dos propósitos primários de sua salvação é que você adore com alegria o Filho de Deus. Na vida cristã, não existe nada mais importante do que isso. Mas, infelizmente, encontramos poucos crentes que entendem a natureza espiritual da adoração e que praticam essa adoração. Nesta altura, devemos perguntar a nós mesmos: existe um verdadeiro espírito de adoração em nossa igreja e em nosso coração?

A PRESENÇA DE CRISTO

A. W. Tozer escreveu: “Hoje

existem milhões de pessoas que mantêm opiniões corretas, talvez mais do que antes na história da igreja. Contudo, pergunto-me se já houve um tempo quando a verdadeira adoração espiritual esteve em nível tão baixo. Para grandes alas da igreja, a adoração se perdeu completamente, e seu lugar foi ocupado por aquela coisa estranha chamada ‘programa’. Esta palavra foi emprestada do teatro e aplicada com péssima sabedoria ao tipo de adoração pública que agora passa por adoração entre nós”.

A adoração bíblica e espiritual é o anelo da alma para ver a glória e a beleza de Jesus Cristo. Quando os adoradores vêm a Cristo, têm o gozo de experimentar a presença dEle.

A adoração está em seu ápice quando nossa alma se perde em admiração da glória e majestade de Deus. Muito do que passa hoje por adoração não produz isso. Os cultos vazios e superficiais que caracterizam

a geração atual não produzem nem adoradores verdadeiros nem grandes homens de Deus.

ENTENDENDO A ADORAÇÃO BÍBLICA

Para entendermos a adoração bíblica e compreendermos exatamente o que Deus, o Pai, está buscando de nós, precisamos examinar a adoração em seu nível mais puro. Quando consideramos as Escrituras, encontramos muitos exemplos de pessoas que adoraram a Deus. No entanto, a figura mais sublime e evidente é a que João retrata no livro de Apocalipse.

Nos capítulos 4 e 5, o Senhor abre a cortina e nos permite vislumbrar o que eu chamo de “adoração na sala do trono”. Nestes dois capítulos, vemos realmente um culto de adoração realizando-se no céu, na sala do trono de Deus. Se temos de adorar a Deus biblicamente, devemos estar certos de que nossa adoração na terra reflete o exemplo e a direção da adoração celestial.

Há muitas lições nestes capítulos, mas neste artigo podemos considerar apenas a primeira dessas lições, ou seja, a adoração espiritual está centralizada em Deus.

ADORAÇÃO CENTRALIZADA EM DEUS

Quando João vislumbra o culto de adoração no céu, ele diz: “Imediatamente, eu me achei em espírito, e eis armado no céu um trono, e, no trono, alguém sentado” (Ap 4.2).

Bem no início, observamos que

Deus está no centro da adoração espiritual. Nosso foco e atenção são direcionados imediatamente para Ele. A adoração centralizada em Deus significa apenas que a glória, a honra, a majestade e a vontade de Deus são a prioridade em nossos pensamentos e desejos.

Em nossos dias, a adoração está muito freqüentemente centralizada no homem e não em Deus. Todavia, meu desejo e oração é que a igreja de Cristo descubra novamente a verdadeira adoração — que a igreja redescubra e volte-se à adoração bíblica na sala do trono.

A. W. Tozer escreveu: “A história da humanidade provavelmente mostrará que nenhuma pessoa jamais foi maior do que sua religião; e a história espiritual do homem demonstrará positivamente que nenhuma religião tem sido maior do que a sua idéia a respeito de Deus. A adoração é pura ou ignominiosa à medida que o adorador nutre pensamentos sublimes ou medíocres a respeito de Deus.

Por esta razão, o assunto mais solene diante da igreja é sempre Deus mesmo, e o fato mais portentoso sobre o homem não é o que ele... pode dizer ou fazer, e sim o que ele, no âmago de sua alma, percebe sobre a natureza de Deus.”

1 Este artigo introduz o tema que será abordado pelo Pr. Robert L. Dickie, um dos preletores na 23ª Conferência Fiel para Pastores e Líderes, em outubro de 2007, no Brasil.

MARTINHO LUTERO: A TEOLOGIA DA CRUZ EM CONTRASTE COM A TEOLOGIA DA GLÓRIA

Gilson Santos

Preletor da 7ª Conferência Fiel, em Portugal, 2007

Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me.

Lucas 9.23

A partir da cruz de Cristo, resulta uma inversão de todos os valores. Justamente o que é inferior no mundo, o que nada é, isto Deus escolheu. Para o judeu Saulo de Tarso, a cruz tinha sido uma grande pedra de tropeço. Afinal, Cristo crucificado é “escândalo para os judeus, loucura para os gentios” (1 Co 1.23). Porém, agora, para o apóstolo Paulo a “palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus” (1 Co 1.18). Para ele, Cristo tornou-se “poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia dos que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (1 Co 1.24-25). Na cruz de Cristo, temos a redenção. Através

de sua morte, temos a conciliação objetiva entre Deus e o homem. E na comunhão com Cristo entra somente quem participa de sua morte.

“Nenhum personagem histórico entendeu melhor e mais profundamente o poder da cruz que Martinho Lutero, o reformador do século XVI”, escreve Mark Shaw.¹ E Alister McGrath, um teólogo de Oxford, definiu a teologia da cruz de Lutero como “uma das compreensões mais poderosas e radicais da natureza da teologia cristã que a Igreja já conheceu”.²

Em abril de 1518, Martinho Lutero (1483-1546), em Heidelberg,

contrapôs seus “Paradoxos” teológicos como “teologia da cruz” (*theologia crucis*) à “teologia da glória” (*theologia gloriae*), isto é, à teologia eclesial dominante. Este episódio de 1518 tem sido descrito por Shaw como um “sussurro silencioso e ignorado”; constituiu-se, entretanto, um grande engano passar despercebido por ele. No “Debate de Heidelberg”, travou-se a discussão da indulgência. Lutero contrastou a teologia da cruz com a teologia oficial, diante de uma igreja que se tornara segura e saciada. Como exemplo dessa realidade, para financiar o seu projeto mais extravagante, a basílica de São Pedro em Roma (incluindo a Capela Sistina), Leão X (1475-1521), eleito papa em 1513, resgatou a prática de cobrar *indulgências*, o que, de alguma maneira, precipitou a Reforma Protestante. Em Heidelberg, distinguindo entre o cristianismo evangélico bíblico e as corrupções medievais, Lutero entendeu que a igreja medieval seguia o caminho da glória ao invés do caminho da cruz.

Para Lutero a cruz é a marca de toda a teologia. “No Cristo crucificado é que estão a verdadeira teologia e o verdadeiro conhecimento de Deus.”³ Conhecer a Deus pela cruz é conhecer o nosso pecado e o amor redentor de Deus. Deus, na cruz, destrói todas as nossas idéias preconcebidas da glória divina. O perigo em potencial que a teologia da cruz vê na sua antítese é que a teologia da glória levará o homem a alguma forma de justiça pelas obras, à tendência de se fazer uma barganha com Deus com base em realizações pessoais. Por outro lado, a teologia da cruz repu-

dia firmemente as realizações do próprio homem e deixa Deus fazer tudo para efetivar e preservar a sua salvação.

Na doutrina de Martinho Lutero, a graça da justificação pela fé está rigorosamente orientada pelo Cristo crucificado.

Quem reconheceria que aquele que é visivelmente humilhado, tentado, condenado e morto é, internamente e ao mesmo tempo, sobremodo enaltecido, consolado, aceito e vivificado, não fosse o Espírito ensiná-lo pela fé? E quem admitiria que aquele que é visivelmente enaltecido, honrado, fortificado e vivificado é internamente rejeitado, desprezado, enfraquecido e morto de maneira tão miserável, se a sabedoria do Espírito não lhe ensinasse isso?⁴

Quando a “sabedoria da cruz” não é entendida, também a Escritura permanece um livro trancado, pois a cruz de Cristo é a única chave para ela. A “sabedoria” humana se escandaliza com a Palavra de Deus e se irrita com a cruz de Cristo. Isto porque a nossa sabedoria está apaixonada por si própria, é como um doente que não quer que o médico o ajude. A nossa sabedoria é “sabedoria da carne”, que resiste à vontade de Deus. A cruz é o juízo daquilo que os homens se orgulham. A cruz é o juízo de toda glória humana, e a *via crucis* significa, por isso, desistir de toda glória humana. A cruz de Cristo contesta violentamente o senso natural.

Para Lutero, a cruz de Cristo e

a cruz do cristão são vistas em conjunto; a cruz de Cristo e a cruz do cristão formam uma unidade. O teólogo da cruz não está posicionado como espectador em relação à cruz de Cristo, ma ele próprio é envolvido neste acontecimento. Por isso, ele não foge dos sofrimentos, tal qual o teólogo da glória, mas considera-os tesouro valioso. Para Lutero, o teólogo da glória “define que o tesouro de Cristo são relaxações e isenções de penas, sendo estas as piores coisas e as mais dignas de ódio. O teólogo da cruz, pelo contrário, [afirma que] o

tesouro de Cristo são imposições e obrigações de penas, sendo estas as melhores coisas e as mais dignas de amor”.⁵ Assim, para a teologia da cruz o sofrimento adquire significado todo especial. Os cristãos têm que se tornar iguais a seu Mestre em tudo e, por isto, têm de assumir a ignomínia de Cristo. Cristo nos precedeu no caminho que rejeita toda grandeza humana. A glória do cristão consiste nesta “fraqueza e baixeza”. E sua baixeza se revela no ato de levar o sofrimento. Visto que em meio à vida de Cristo está erigida a cruz, a vida do cristão é discipulado e sofrimento. Uma razão, diz Lutero, pela qual as pessoas querem uma teologia da glória em vez de uma teologia da cruz é que elas “odeiam a cruz e o sofrimento”. Mas, à luz da cruz, o sofrimento serve a um propósito impor-

tante, a saber, a autonegação. Ela nos esvazia de nossa autoconfiança, para que possamos ter confiança em Deus. Contudo, o sofrimento jamais deve tornar-se “boa obra”, e não encontra sua origem em idéias ascéticas. A cruz do cristão está em unidade com a cruz de Cristo, e com isto está excluída por si só toda a idéia de mérito da pessoa, que pudesse ser obtido pelo sofrimento.

Ao carregarmos nossa cruz, não fazemos com isso nada especial, mas simplesmente demonstramos que estamos em comunhão com Cristo. E também nem

todo sofrimento pode reivindicar ser discipulado da cruz. Que significa isto: carregar a cruz de Cristo? “A cruz de Cristo outra coisa não é exceto o abandonar tudo e agarrar-se somente a Cristo pela fé do coração, ou seja: abandonar tudo e crer – isso é carregar a cruz de Cristo”.⁶

Assim, a cruz torna-se sinal da filiação divina. O padrão da cruz se torna o padrão de toda a jornada cristã. Lutero expressa este conceito ainda mais, nas seguintes palavras:

Por isso somos ensinados aqui a crer contra a esperança na esperança; esta sabedoria da cruz está hoje por demais oculta em mistério. Também para o céu não há outro caminho do que esta cruz de Cristo. Por isso é preciso precaver-se, para que a vida

— ■ —

*Quando a “sabedoria da cruz”
não é entendida, também a
Escritura permanece um livro
trancado, pois a cruz de Cristo
é a única chave para ela.*

— ■ —

ativa com suas obras, e a vida contemplativa com suas especulações não nos seduzam. Ambas são extremamente atrativas e tranqüilas, e por isso também perigosas, até que sejam temperadas pela cruz e perturbadas pelas adversidades. A cruz, no entanto, é de todas as coisas a mais segura. Bem-aventurado quem entende.⁷

Em seu clímax, a vida sob a cruz se apresenta como “conformidade com Cristo”. Assim, conforme a teologia da cruz, a vida do cristão nada mais é do que “ser crucificado com Cristo”. O batismo não está apenas no começo da vida cristã, mas no ato do batismo temos o símbolo de toda a vida cristã: um constante morrer e ressuscitar com Cristo. “Ser crucificado com Cristo” realiza-se de dois modos: no interior da pessoa pela “mortificação” e no exterior pela inimizade do mundo. Porém, o conceito luterano do morrer do velho homem precisa ser traçado com base na doutrina da justificação. A mortificação não é obra meritória. Ela não é pré-requisito para a fé que alcança a graça, mas, inversamente, pressupõe a fé. Lutero, neste sentido, não se gloria na sua cruz, mas se gloria na graça de Deus. A teologia da cruz, em Lutero, se encontra na mais aguda oposição a qualquer moralismo.

De acordo com Lutero, ser crucificado com Cristo revela-se ainda no fato de um verdadeiro cristão ter de atrair necessariamente sobre si a inimizade do mundo. A inimizade do mundo é sinal para a autenticidade do discipulado. Pois o próprio evan-

gelho é um escândalo para o mundo. A exemplo de Cristo, vestimos a “forma de servo”; renunciamos todo orgulho, fama e honra diante do mundo e de nós mesmos, e nos deixamos envolver na ignomínia de Cristo. Tornar-nos conformes com Cristo outra coisa não significa do que experimentar o fato da cruz também em nossa vida. Somos pessoas conformes com Cristo quando a cruz não permanece apenas um fato histórico, mas quando ela está erigida em meio à nossa vida. Isto, não obstante, é fruto da graça de Deus.

A cruz é, portanto, um paradoxo: Deus rejeita os orgulhosos, mas aos humildes concede a sua graça; ele rejeita os heróis, mas derrama o seu amor justificador aos fracassados. Assim, a humildade é a virtude básica da vida sob a cruz, do mesmo modo como a soberba é o verdadeiro e o maior pecado. Somente a fé pode perceber essa realidade verdadeira e paradoxal. A fé e a humildade estão intimamente relacionadas. A fé ensina a humildade, pois a fé é “negação de nós mesmos”, total renúncia e confiar na graça de Deus. Nesta negação de todos os direitos humanos, a fé se identifica com a humildade. Ostentar a própria humildade, como numa espiritualidade monástica, não é humildade.

(...) ninguém se considera humilde ou se gloria de sê-lo, a não ser o que é o mais orgulhoso. Somente Deus reconhece a humildade, e também somente ele a julga e revela, de sorte que a pessoa jamais tem menos consciência da humildade do que justamente quando é humilde.⁸

Por isso, a busca monástica por humildade não faz nenhum sentido. O caminho da humildade não vai de fora para dentro, mas de dentro para fora. Não podemos apresentar nossa humildade (“nulidade”) como mérito diante de Deus. Humildade é a renúncia consciente a todas as qualidades humanas com as quais poderíamos argumentar. Neste sentido, a humildade tem que preceder à fé, pertence ao alicerce crítico da fé. Justificação pela fé só poderá acontecer onde houver sido posto este alicerce. Neste sentido, humildade, tal como a fé, não é uma virtude.

É a renúncia de toda virtude; é saber que não podemos subsistir perante Deus com nossa virtude. “Humildade nada mais é do que o auto-reconhecimento perfeito, que encerra a fé justificante.”⁹ Este conceito luterano de humildade não se compara em nada ao sentido católico-sinergista. Todo sinergismo está excluído.

Por conseguinte, Lutero conta a cruz e o sofrimento entre os sinais particulares da igreja (*nota ecclesiae*). Faz parte da natureza da igreja encontrar-se ela no sofrimento; uma igreja da qual não se pode afirmar isso é uma igreja que se tornou infiel à sua destinação. A Igreja pode ser seduzida pela teologia da glória e se transformar em uma religião de boas obras e análises dos desempenhos dos fiéis. Lutero usou, portanto, a

idéia de uma forma sofredora da igreja criticamente contra o papado e para julgamento da história da igreja. O Cristo morto e ressurreto está trabalhando em meio à fraqueza da Igreja, preparando-a para mostrar a sua força. De modo similar, o Cristo morto e ressurreto “julga a Igreja onde ela se tornou orgulhosa e triunfante, ou segura e presunçosa, e a chama para voltar ao pé da cruz, onde lembra da maneira misteriosa e secreta que Deus trabalha no mundo”.¹⁰

A teologia da cruz conhece a Deus no próprio lugar onde Ele se ocultou – na cruz, com os

■

*Ser crucificado com Cristo
revela-se ainda no fato de um
verdadeiro cristão ter de atrair
necessariamente sobre si a
inimizade do mundo.*

■

seus sofrimentos, todos eles considerados fraqueza e loucura pela teologia da glória. Deus é conhecido e compreendido não na força, mas na fraqueza, não numa demonstração impressionante de majestade e poder, mas na exibição de um amor que se dispõe a sofrer a fim de converter o homem para si: “Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça” (Rm 3.24-25). No momento em que a proclamação eclesial deixa de ser uma pedra de tropeço para o povo, isto é sinal de que ela traiu o evangelho. No escândalo, porém, é que está o “poder do evangelho”. A adoração ou pregação que faz as pessoas sen-

tirem-se bem consigo mesmas, ou satisfeitas com suas palavras e pensamentos arrogantes sobre Deus, é uma adoração da glória que condena nossa alma e nos separa de Deus. Quando a igreja perde sua cruz, “trocando-a pelo aplauso desta era ou a medida de sucesso deste mundo, acaba se deparando com um futuro pouco promissor”, escreve Shaw.¹¹

A cruz de Cristo continua sendo ofensiva, como foi na época em que os primeiros cristãos começaram a falar dela como o caminho de Deus para a salvação. E nossa função, como a de João Batista, é apontar para Jesus Cristo crucificado – “Olhem o cordeiro de Deus!” E hoje, nesta era antropocêntrica e narcisista, a Igreja deve prosseguir dizendo ao homem: *A si mesmo se negue, e dia a dia tome a sua cruz, e siga a Cristo.*

1. SHAW, Mark. *Uma Lição sobre a Verdade: A Teologia da Cruz de*

Martinho Lutero.

2. McGRATH, Alister. *Luther's Theology of the Cross*. Oxford: Blackwell, 1985, p.1.
3. LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*. Vol. 1. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal, 1987, p. 50.
4. LUTERO, IV, 439, 19-24 *apud* EBELING, Gerhard. *O Pensamento de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1986, p. 83.
5. LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*, Vol. 1, p. 55-198, extraído das *Explicações sobre o valor das indulgências*, de 1518, I, 614, 17ss.
6. Extratos da posição luterana por LOEWENICH, Walther Von. *A Teologia da Cruz de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1987, p. 119.
7. LUTERO, V, 84, 39ss, *apud* LOEWENICH, *op. cit.*, p. 120.
8. LUTERO, VII, 560, 7ss, *apud* LOEWENICH, *op. cit.*, p.133.
9. LOEWENICH, *op. cit.*, p.131.
10. McGRATH, *op. cit.*, p. 181.
11. SHAW, *op. cit.*, p. 18.



O pensamento de deleite no cristianismo é tão estranho para muitas pessoas, que duas palavras do vocabulário delas têm de permanecer separadas uma da outra: “santidade” e “deleite”. Mas os crentes que conhecem a Cristo entendem que deleite e fé estão unidos de tal modo que as portas do inferno não podem prevalecer para separá-las. Aqueles que amam a Deus com todo o seu coração descobrem que os caminhos dEle “são caminhos deliciosos, e todas as suas veredas, paz” (Pv 3.17).

(Extraído de *Leituras Diárias*, vol. 2,
C. H. Spurgeon, Editora Fiel, 2006.)

O PLANO DE DEUS PARA A AGENDA GAY

John MacArthur

Se você tem visto os títulos de manchetes de jornais nos últimos anos, talvez tenha observado o incrível aumento do interesse por afirmar a homossexualidade. Quer esteja no âmago de um escândalo religioso, de corrupção política, de legislação radical e da redefinição do casamento, o interesse homossexual tem caracterizado a América. Isso é uma indicação do sucesso da agenda gay. Mas, infelizmente, quando as pessoas se recusam a reconhecer a pecaminosidade do homossexualismo — chamando o mal bem e o bem, mal (Is 5.20), elas o fazem em prejuízo de muitas almas e, talvez, de si mesmas.

Como você deve reagir ao sucesso da agenda gay? Deve aceitar a tendência recente em direção à tolerância? Ou ficar ao lado daqueles que excluem os homossexuais e conde-

nam com veemência o pecado? A Bíblia nos exorta a um equilíbrio entre o que as pessoas consideram duas reações opostas — condenação e compaixão. De fato, essas duas atitudes juntas são elementos essenciais do amor bíblico, do qual os homossexuais necessitam desesperadamente.

Os defensores do homossexualismo têm sido notavelmente eficazes em promover suas interpretações distorcidas de passagens da Bíblia. Quando você pergunta a um homossexual o que a Bíblia diz a respeito da homossexualidade — e muitos deles o sabem — percebe que eles absorveram uma interpretação que não é somente distorcida, mas também completamente irracional. Os argumentos a favor dos homossexuais extraídos da Bíblia são nuvens de fumaça — à medida que nos aproxi-

mamos deles, vemos com clareza o que está por trás.

Deus condena a homossexualidade, e isto é muito evidente. Ele se opõe à homossexualidade em todas as épocas.

Na época dos patriarcas
(Gn 19.1-28)

Na época da Lei de Moisés
(Lv 18.22; 20.13)

Na época dos Profetas
(Ez 16.46-50)

Na época do Novo Testamento
(Rm 1.18-27;
1 Co 6.9-10; Jd 70-8)

Por que Deus condena a homossexualidade? Porque ela transtorna o plano fundamental de Deus para as relações humanas — um plano que retrata o relacionamento entre um homem e uma mulher (Gn 2.18-25; Mt 19.4-6; Ef 5.22-33).

Então, por que as interpretações homossexuais das Escrituras têm sido tão bem-sucedidas em persuadir inúmeras pessoas? A resposta é simples: as pessoas se deixam convencer. Visto que a Bíblia é tão clara a respeito deste assunto, os pecadores têm resistido à razão e aceitado o erro, a fim de acalmarem a consciência que os acusa (Rm 2.14-16). Conforme disse Jesus: “Os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más” (Jo 3.19-20).

Se você é um crente, não deve comprometer o que a Bíblia diz a respeito da homossexualidade — jamais. Não importa o quanto você deseja ser

compassivo para os homossexuais, o seu primeiro amor é ao Senhor e à exaltação da justiça dEle. Os homossexuais se mantêm em rebeldia desafiante contra a vontade de seu Criador, que, desde o princípio, “os fez homem e mulher” (Mt 19.4).

Não se deixe intimidar pelos defensores do homossexualismo e por sua argumentação fútil — os argumentos deles não têm conteúdo. Os homossexuais e os que defendem esse pecado estão comprometidos fundamentalmente em transtornar a soberania de Cristo neste mundo. Mas a rebelião deles é inútil, visto que o Espírito Santo afirma: “Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus” (1 Co 6.9-10; cf. Gl 5.19-21).

Então, qual a resposta de Deus à agenda homossexual? O julgamento certo e final. Afirmar qualquer outra coisa, além disso, é adulterar a verdade de Deus e enganar aqueles que estão em perigo.

Quando você interage com homossexuais e seus simpatizantes, tem de afirmar a condenação bíblica. Você não está procurando lançar condenação sobre os homossexuais, está tentando trazer convicção, de modo que eles se convertam do pecado e recebam a esperança da salvação para todos nós, pecadores. E isso acontece por meio da fé no Senhor Jesus Cristo. Os homossexuais

precisam de salvação. Não precisam de cura — o homossexualismo não é uma doença. Eles não carecem de terapia — o homossexualismo não é uma condição psicológica. Os homossexuais precisam de perdão, porque a homossexualidade é um pecado.

Não sei como aconteceu, mas algumas décadas atrás alguém rotulou os homossexuais com o incorreto vocábulo “gay”. Gay, no inglês, significava uma pessoa feliz, mas posso assegurar-lhe: os homossexuais não são pessoas felizes. Eles procuram felicidade seguindo prazeres destrutivos. Esta é a razão por que Romanos 1.26 chama o desejo homossexual de “paixão infame”. É uma concupiscência que destrói o corpo, corrompe os relacionamentos e traz sofrimento perpétuo à alma — e o seu fim é a morte (Rm 7.5). Os homossexuais estão experimentando o juízo de Deus (Rm 1.24, 26, 28) e, por isso, são infelizes — muito, muito infelizes.

1 Coríntios 6 é bem claro a respeito das conseqüências eternas que sobrevirão àqueles que praticam a homossexualidade — mas existem boas-novas. Não importa o tipo de pecado, quer seja homossexualidade, quer seja outra prática, Deus oferece perdão, salvação e esperança da vida eterna àqueles que se arrependem e aceitam o evangelho. Depois de identificar os homossexuais como pessoas que não “herdarão o reino de Deus”, Paulo disse: “Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor

Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus” (1 Co 6.11).

O plano de Deus para muitos homossexuais é a salvação. Nos dias de Paulo, havia ex-homossexuais na igreja de Corinto, assim como, em nossos dias, existem muitos ex-homossexuais em minha igreja e em igrejas fiéis ao redor do mundo. Eles ainda lutam contra a tentação homossexual? Com certeza. Que crente não luta contra os pecados de sua vida anterior? Até o grande apóstolo Paulo reconheceu essa luta (Rm 7.14-25). No entanto, ex-homossexuais assentam-se nos bancos de igrejas bíblicas em todo o mundo e louvam o Senhor, ao lado de ex-fornicadores, ex-idólatras, ex-adúlteros, ex-ladões, ex-avarentos, ex-beberrões, ex-injuriadores e ex-defraudadores. Lembrem-se: alguns de vocês eram assim.

Qual deve ser a nossa resposta à agenda homossexual? Oferecer-lhe uma resposta bíblica — confrontá-la com a verdade das Escrituras, que condena a homossexualidade e promete castigo eterno para todos os que a praticam. Qual deve ser a nossa resposta ao homossexual? Oferecer-lhe uma resposta bíblica — confrontá-lo com a verdade das Escrituras, que o condena como pecador e lhe mostra a esperança da salvação, por meio do arrependimento e da fé em Jesus Cristo. Permaneçam fiéis ao Senhor, quando reagirem à homossexualidade, honrando a Palavra de Deus e deixando com Ele os resultados.

MOSTRAR ÀS CRIANÇAS O QUE É MAIS IMPORTANTE

Tedd Tripp

Preletor na Conferência Fiel, Brasil - 2007

Vivemos em um tempo perigoso. O evangelismo moderno reduziu a mensagem e o propósito do evangelho. Muito do cristianismo evangélico se focaliza em levar as pessoas a fazerem *a oração do pecador*, de modo que sejam asseguradas de que irão ao céu. O âmago do evangelho é a glória de Deus. Ele é tão zeloso de sua própria glória (Is 42.8), que enviou seu único Filho para redimir pessoas corrompidas, indignas e pecadoras. O Filho era tão zeloso de sua própria glória, que orou expressando o desejo de que seus discípulos vissem a sua glória (Jo 17.24). A glória de Deus moveu o seu coração a escolher um povo (Rm 9.23). O âmago do evangelho é a glória de Deus.

O propósito de Deus em estender sua graça às pessoas caídas é a sua glória. Deus é glorificado quan-

do é valorizado acima de todas as coisas. Deus é glorificado quando é considerado um tesouro. Deus é glorificado quando é o nosso bem mais valioso. Deus é glorificado quando é nossa fonte de deleite. Deus é glorificado quando você mostra que Ele é o Ser mais maravilhoso e todo-suficiente no universo. O âmago do evangelho é a glória de Deus.

Considere o Salmo 96:

Cantai ao SENHOR um cântico novo, cantai ao SENHOR, todas as terras. Cantai ao SENHOR, bendizei o seu nome; proclamai a sua salvação, dia após dia. Anunciai entre as nações a sua glória, entre todos os povos, as suas maravilhas.

Observe que a proclamação da salvação é uma proclamação da glória de Deus. Ele é tremendo; portanto,

deve ser grandemente louvado. Deve ser temido acima de todos os deuses. Esplendor, glória e majestade lhe pertencem. Ele reina. Deus é glorioso, cheio de esplendor e majestade.

Deus não existe para o homem; o homem existe para Deus. O evangelho de Jesus restaura o homem caído, corrompido, para que este seja um verdadeiro adorador de Deus. Estas verdades confirmam-se a si mesmas para os seus filhos. O Deus da Bíblia, o trino Deus, é o único, o supremo objeto de nossa adoração.

Lembra-se da parábola do reino, em Mateus 13.44? “O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo.”

Recorda o que o homem fez, ao encontrar o tesouro? Ele o escondeu novamente. Transbordante de alegria, ele foi e vendeu tudo, para comprar aquele campo e possuir o tesouro. Ele não vendeu tudo motivado por um senso de obrigação. Você pode imaginá-lo achando o tesouro e dizendo a si mesmo: você não sabia que eu acharia um tesouro naquele campo? Odeio quando isto acontece comigo! Agora, terei de vender todos os meus bens, de modo que possa comprar aquele campo idiota e possuir aquele tesouro”. É ilógico pensar que ele se desfez de tudo por um senso de dever. Motivado por um profundo senso de alegria, ele ven-

deu tudo o que tinha. O tesouro o deslumbrou.

Assim é o reino dos céus. Até que nossos filhos vejam a glória de Deus, na face de Jesus cristo; até que vejam que Ele é o Lírio dos Vales, a Brillhante Estrela da Manhã, o Único que é totalmente desejável; até que vejam e entendam que Ele é digno de abandonarmos tudo e que nada em toda a terra é mais importante do que conhecer e amar a Jesus, eles jamais O conhecerão, O amarão e O servirão. Podem até ser membros de igreja, ser cooperadores no acampamento de adolescentes, ou participar de viagens missionárias, mas, se não forem convencidos de que Cristo é o tesouro, jamais O conhecerão verdadeiramente.

Você não pode superestimar a importância de mostrar aos seus filhos a glória de Deus. Se os seus filhos não sabem quem é Deus, como Ele pensa, o que Ele sente e por que faz o que faz, não terão qualquer motivo para encontrar gozo nEle, nenhuma razão para celebrar a sua bondade abundante, nenhuma base para achar satisfação nEle. Deleite em Deus não pode ocorrer em um vácuo intelectual. Seu cuidado em mostrar e revelar as maravilhas do glorioso ser de Deus é crucial para seus filhos. Regozijo em Deus é o fruto do que você sabe ser verdadeiro a respeito dEle. O calor espiritual do gozo, deleite e admiração na face de Deus não pode acontecer em um vácuo conceitual.

POR QUE PRECISAMOS DOS PURITANOS¹

J. I. Packer

O hipismo é conhecido como esporte de reis. O esporte do “atira-lama”, porém, possui mais ampla adesão. Ridicularizar os Puritanos, em particular, há muito é passatempo popular nos dois lados do Atlântico, e a imagem que a maioria das pessoas tem do Puritanismo ainda contém bastante da deformadora sujeira que necessita ser raspada.

“Puritano”, como um nome, era, de fato, lama desde o começo. Cunhado cedo, nos anos 1560, sempre foi um palavra satírica e ofensiva, subentendendo mau humor, censura, presunção e certa medida de hipocrisia, acima e além da sua implicação básica de descontentamento, motivado pela religião, para com aquilo que era visto como a laodicense e comprometedora Igreja da Inglaterra, de Elizabeth. Mais tarde, a palavra ganhou a conotação política adicional de ser contra a monarquia Stuart e a favor de algum tipo de republicanismo; sua primeira referência, no

entanto, ainda era ao que se via como um forma estranha, furiosa e feia de religião protestante. Na Inglaterra, o sentimento antipuritano disparou no tempo da Restauração e tem fluído livremente desde então; na América do Norte edificou-se lentamente, após os dias de Jonathan Edwards, para atingir seu zênite há cem anos atrás na Nova Inglaterra pós-Puritana.

No último meio século, porém, estudiosos têm limpado a lama meticulosamente. E, como os afrescos de Michelangelo na Capela Sistina têm cores pouco familiares depois que os restauradores removeram o verniz escuro, assim a imagem convencional dos Puritanos foi radicalmente recuperada, ao menos para os informados. (Aliás, o conhecimento hoje viaja devagar em certas regiões.) Ensinados por Perry Miller, William Haller, Marshall Knappen, Percy Scholes, Edmund Morgan e uma série de pesquisadores mais recentes,

peessoas bem informadas agora reconhecem que os Puritanos típicos não eram homens selvagens, ferozes e monstruosos fanáticos religiosos, e extremistas sociais, mas sóbrios, conscienciosos, cidadãos de cultura, pessoas de princípio, decididas e disciplinadas, excepcionais nas virtudes domésticas e sem grandes defeitos, exceto a tendência de usar muitas palavras ao dizer qualquer coisa importante, a Deus ou ao homem. Afinal está sendo consertado o engano.

Mas, mesmo assim, a sugestão de que necessitamos dos Puritanos — nós, ocidentais do final do século vinte, com toda nossa sofisticação e maestria de técnica tanto no campo secular como no sagrado — poderá erguer algumas sobranceiras. Resiste a crença de que os Puritanos, mesmo se fossem de fato cidadãos responsáveis, eram ao mesmo tempo cômicos e patéticos, sendo ingênuos e supersticiosos, super-escrupulosos, mestres em detalhes e incapazes ou relutantes em relaxarem. Pergunta-se: O que estes zelotes nos poderiam dar do que precisamos?

A resposta é, em uma palavra, maturidade. A maturidade é uma composição de sabedoria, boa vontade, maleabilidade e criatividade. Os Puritanos exemplificavam a maturidade; nós não. Um líder bem viajado, um americano nativo, declarou que o protestantismo norte-americano — centrado no homem, manipulativo, orientado pelo sucesso, auto-indulgente e sentimental como é, patentemente — mede cinco mil quilômetros de largura e um centímetro de profundidade. Somos anões espirituais.

Os Puritanos, em contraste, como um corpo eram gigantes. Eram grandes almas servindo a um grande Deus. Neles, a paixão sóbria e a terna compaixão combinavam. Visionários e práticos, idealistas e também realistas, dirigidos por objetivos e metódicos, eram grandes crentes, grandes esperançosos, grandes realizadores e grandes sofredores.

Mas seus sofrimentos, de ambos os lados do oceano (na velha Inglaterra pelas autoridades e na Nova Inglaterra pelo clima), os temperaram e amadureceram até que ganharam uma estatura nada menos do que heróica. Conforto e luxo, tais como nossa afluência hoje nos traz, não levam à maturidade; dureza e luta, sim, e as batalhas dos Puritanos contra os desertos evangélico e climático onde Deus os colocou produziram uma virilidade de caráter, inviolável e invencível, erguendo-se acima de desânimo e temores, para os quais os verdadeiros precedentes e modelos são homens como Moisés e Neemias, Pedro, depois do Pentecoste, e o apóstolo Paulo.

A guerra espiritual fez dos Puritanos o que eles foram. Eles aceitaram o antagonismo como seu chamado, vendo a si mesmos como os soldados peregrinos do seu Senhor, exatamente como na alegoria de Bunyan, sem esperarem poder avançar um só passo sem oposição de uma espécie ou outra. John Gere, no seu folheto “O Caráter de um Velho Puritano Inglês ou Inconformista” (1646), afirma: “Toda sua vida ele a tinha como uma guerra onde Cristo era seu capitão; suas armas: orações e lágrimas. A cruz, seu estandarte; e

sua palavra [lema], Vincit qui patitur [o que sofre, conquista]”.²

Os Puritanos perderam, em certa medida, toda batalha pública em que lutaram. Aqueles que ficaram na Inglaterra não mudaram a igreja da Inglaterra como esperavam fazer, nem reavivaram mais do que uma minoria dos seus partidários e eventualmente foram conduzidos para fora do anglicanismo por meio de calculada pressão sobre suas consciências. Aqueles que atravessaram o Atlântico falharam em estabelecer Nova Jerusalém na Nova Inglaterra; durante os primeiros cinquenta anos suas pequenas colônias mal sobreviveram, segurando-se por um fio. Mas a vitória moral e a espiritual que os Puritanos conquistaram permanecendo dóceis, pacíficos, pacientes, obedientes e esperançosos sob contínuas e aparentemente intoleráveis pressões e frustrações, dão-lhes lugar de alta honra no “hall” de fama dos crentes, onde Hebreus 11 é a primeira galeria. Foi desta constante experiência de forno que forjou-se sua maturidade, e sua sabedoria relativa ao discipulado foi refinada. George Whitefield, o evangelista, escreveu sobre eles como se segue:

Ministros nunca escrevem ou pregam tão bem como quando debaixo da cruz; o Espírito de Cristo e de glória paira então sobre eles. Foi isto sem dúvida que fez dos Puritanos... as lâmpadas ardentes e brilhantes. Quando expulsos pelo sombrio Ato Bartolomeu (o Ato de Uniformidade de 1662) e removidos dos seus respectivos cargos para irem pregar em celeiros e nos

campos, nas rodovias e sebes, eles escreveram e pregaram como homens de autoridade. Embora mortos, pelos seus escritos eles ainda falam; uma união peculiar lhes atende nesta mesma hora...³

Estas palavras vêm do prefácio de uma reedição dos trabalhos de Bunyan que surgiu em 1767; mas a união continua, a autoridade ainda é sentida, e a amadurecida sabedoria permanece empolgante, como todos os modernos leitores do Puritanismo cedo descubrem por si mesmos. Através do legado desta literatura, os Puritanos podem nos ajudar hoje na direção da maturidade que eles conheceram e que precisamos.

De que maneiras podemos fazer isto? Deixe-me sugerir alguns pontos específicos. Primeiro, há lições para nós na integração das suas vidas diárias. Como seu cristianismo era totalmente abrangente, assim o seu viver era uma unidade. Hoje, chamaríamos o seu estilo de vida de “holístico”: toda conscientização, atividade e prazer, todo “emprego das criaturas” e desenvolvimento de poderes pessoais e criatividade, integravam-se na única finalidade de honrar a Deus, apreciando todos os seus dons e tomando tudo em “santidade ao Senhor”. Para eles não havia disjunção entre o sagrado e o secular; toda a criação, até onde conheciam, era sagrada, e todas as atividades, de qualquer tipo, deviam ser santificadas, ou seja, feitas para a glória de Deus. Assim, no seu ardor elevado aos céus, os Puritanos tornaram-se homens e mulheres de ordem, sóbrios e simples, de oração,

decididos, práticos. Viam a vida como um todo, integravam a contemplação com a ação, culto com trabalho, labor com descanso, amor a Deus com amor ao próximo e a si mesmo, a identidade pessoal com a social e um amplo espectro de responsabilidades relacionadas umas com as outras, de forma totalmente consciente e pensada.

Nessa minuciosidade eram extremos, diga-se, muito mais rigorosos do que somos, mas ao misturar toda a variedade de deveres cristãos expostos na Escritura eram extremamente equilibrados. Viviam

com “método” (diríamos, com uma regra de vida), planejando e dividindo seu tempo com cuidado, nem tanto para afastar as coisas ruins como para ter certeza de incluir todas as coisas boas e importantes — sabedoria necessária, tanto naquela época como agora, para pessoas ocupadas! Nós hoje que tendemos a viver vidas sem planejamento, ao acaso, em uma série de compartimentos incomunicantes e que, portanto, nos sentimos sufocados e distraídos a maior parte do tempo, poderíamos aprender muito com os Puritanos nesse ponto.

Em segundo lugar, há lições para nós na qualidade de sua experiência espiritual. Na comunhão dos Puritanos com Deus, assim como Jesus era central, a Sagrada Escritura era suprema. Pela Escritura, como

a Palavra de instrução de Deus sobre relacionamento divino-humano, buscavam viver, e aqui também eram conscienciosamente metódicos. Reconhecendo-se como criaturas de pensamento, afeição e vontade, e sabendo que o caminho de Deus até o coração (a vontade) é via cabeça humana (a mente), os Puritanos praticavam meditação, discursiva e sistemática, em toda a amplitude da verdade bíblica, conforme a viam apli-

cando-se a eles mesmos. A meditação Puritana na Escritura se modelava pelo sermão Puritano; na meditação o Puritano buscava sondar e

desafiar seu coração, guiar suas afeições para odiar o pecado, amar a justiça e encorajar a si mesmo com as promessas de Deus, assim como pregadores Puritanos o faziam do púlpito. Esta piedade racional, resoluta e apaixonada era consciente sem tomar-se obsessiva, dirigida pela lei sem cair no legalismo, e expressiva da liberdade cristã sem vergonhosos deslizamentos para a licenciosidade. Os Puritanos sabiam que a Escritura é a regra inalterada da santidade, e eles nunca se permitiram esquecer disto.

Conhecendo também a desonestidade e a falsidade dos corações humanos decaídos, cultivavam humildade e auto-suspeita como atitudes constantes, examinando-se regularmente em busca dos pontos ocultos e males internos furtivos. Por isso não poderiam ser chamados de mór-

— ■ —
*A maturidade é uma
 composição de sabedoria,
 boa vontade, maleabilidade
 e criatividade.*
 — ■ —

bidos ou introspectivos; pelo contrário, descobriram a disciplina do auto-exame pela Escritura (não é o mesmo que introspecção, notemos), seguida da disciplina da confissão e do abandono do pecado e renovação da gratidão a Cristo pela sua misericórdia perdoadora como fonte de grande gozo e paz interiores. Hoje nós que sabemos à nossa custa que temos mentes não esclarecidas, afeições incontroladas e vontades instáveis no que se refere a servir a Deus e que frequentemente nos vemos subjogados por um romanticismo emocional, irracional, disfarçado de superespiritualidade, nos beneficiaríamos muito do exemplo dos Puritanos neste ponto também.

Em terceiro lugar, há lições para nós na sua paixão pela ação eficaz. Embora os Puritanos, como o resto da raça humana, tivessem seus sonhos do que poderiam e deveriam ser, não eram definitivamente o tipo de gente que denominaríamos “sonhadores”! Não tinham tempo para o ócio do preguiçoso ou da pessoa passiva que deixa para os outros o mudar o mundo. Foram homens de ação no modelo puro reformado — ativistas de cruzada sem qualquer autoconfiança; trabalhadores para Deus que dependiam sumamente de que Deus trabalhasse neles e através deles e que sempre davam a Deus a glória por qualquer coisa que faziam, e que em retrospecto lhes parecia correta; homens bem dotados que oravam com afinco para que Deus os capacitasse a usar seus poderes, não para a auto-exibição, mas para a glória dEle. Nenhum deles queria ser revolucionário na igreja ou no Esta-

do, embora alguns relutantemente tenham-se tornado tal; todos eles, entretanto, desejavam ser agentes eficazes de mudança para Deus onde quer que se exigisse mudança. Assim Cromwell e seu exército fizeram longas e fortes orações antes de cada batalha, e pregadores pronunciaram extensas e fortes orações particulares sempre antes de se aventurarem no púlpito, e leigos proferiram longas e fortes orações antes de enfrentarem qualquer assunto de importância (casamento, negócios, investimentos maiores ou qualquer outra coisa).

Hoje, porém, os cristãos ocidentais se vêem em geral sem paixão, passivos, e, teme-se, sem oração. Cultivando um sistema que envolve a piedade pessoal num casulo pietista, deixam os assuntos públicos seguirem seu próprio curso e nem esperam, nem, na maioria, buscam influenciar além do seu próprio círculo cristão. Enquanto os Puritanos oraram e lutaram por uma Inglaterra e uma Nova Inglaterra santas — sentindo que onde o privilégio é negligenciado e a infidelidade reina, o juízo nacional está sob ameaça — os cristãos modernos alegremente se acomodam com a convencional respeitabilidade social e, tendo feito assim, não olham além. Claro, é óbvio que a esta altura também os Puritanos têm muita coisa para nos ensinar.

Em quarto lugar, há lições para nós no seu programa para a estabilidade da família. Não seria demais dizer que os Puritanos criaram a família cristã no mundo de língua inglesa. A ética Puritana do casamento

consistia em primeiro se procurar um parceiro não por quem se fosse perdidamente apaixonado no momento, mas a quem se pudesse amar continuamente como seu melhor amigo por toda a vida e proceder com a ajuda de Deus a fazer exatamente isso. A ética Puritana de criação de filhos era treinar as crianças no caminho em que deveriam seguir, cuidar dos seus corpos e almas juntos e educá-los para a vida adulta sóbria, santa e socialmente útil. A ética Puritana da vida no lar baseava-se em manter a ordem, a cortesia e o culto em família.

Boa vontade, paciência, consistência e uma atitude encorajadora eram vistas como as virtudes domésticas essenciais. Numa era de desconfortos rotineiros, medicina rudimentar sem anestésicos, freqüentes lutos (a maioria das famílias perdia tantos filhos quantos criava), uma média de longevidade um pouco abaixo dos trinta e dificuldade econômica para quase todos, salvo príncipes mercantes e pequenos proprietários fidalgos, a vida familiar era uma escola para o caráter em todos os sentidos. A fortaleza com que os Puritanos resistiam à bem conhecida tentação de aliviar a pressão do mundo através da violência no lar e lutavam para honrar a Deus apesar de tudo, merece grande elogio. Em casa os Puritanos mostravam-se maduros, aceitando as dificuldades e decepções realisticamente como vindas de Deus e recusando-se a desanimar ou amargar-se com qualquer uma delas. Também era em casa, em primeira instância, que o leigo Puritano praticava o evangelismo e ministério. “Ele

esforçou-se para tornar sua família numa igreja”, escreveu Geree, “.. lutando para que os que nascessem nela, pudessem nascer novamente em Deus.” Numa era em que a vida em família tornou-se árida mesmo entre os cristãos, com cônjuges covardes tomando o curso da separação em vez do trabalho no seu relacionamento, e pais narcisistas estragando seus filhos materialmente enquanto os negligenciam espiritualmente, há, mais uma vez, muito o que se aprender com os caminhos bem diferentes dos Puritanos.

Em quinto lugar, há lições para se aprender com o seu senso de valor humano. Crendo num grande Deus (o Deus da Escritura, não diminuído nem domesticado), eles ganharam um vívido senso da grandeza das questões morais, da eternidade e da alma humana. O sentimento de Hamlet “Que obra é o homem!” é um sentimento muito Puritano; a maravilha da individualidade humana era algo que sentiam pungentemente. Embora, sob a influência da sua herança medieval, que lhes dizia que o erro não tem direitos, não conseguissem em todos os casos respeitar aqueles que se diferenciavam deles publicamente, sua apreciação pela dignidade humana como criatura feita para ser amiga de Deus era intensa, e também o era seu senso da beleza e nobreza da santidade humana. Atualmente, no formigueiro urbano coletivo onde vive a maioria de nós, o senso da significação eterna individual se acha muito desgastado, e o espírito Puritano é neste ponto um corretivo do qual podemos nos beneficiar imensamente.

Em sexto lugar, há lições para se aprender com o ideal de renovação da igreja com os Puritanos. Na verdade, “renovação” não era uma palavra que eles usavam; eles falavam apenas de “reforma” e “reforma”, palavras que sugerem às nossas mentes do século vinte uma preocupação que se limita ao aspecto exterior da ortodoxia, ordem, formas de culto e códigos disciplinares da igreja. Mas quando os Puritanos pregaram publicaram e oraram pela “reforma”, tinham em mente nada menos do que isso, mas de fato muito mais.

Na página de título da edição original de *The Reformed Pastor* (traduzido para o português sob o título “O Pastor Aprovado” — PES) de Richard Baxter, a palavra “Reformado” foi impressa com um tipo de letra bem maior do que as outras; e não se precisa ler muito para descobrir que, para Baxter, um pastor “Reformado” não era alguém que fazia campanha pelo calvinismo, mas alguém cujo ministério como pregador, professor, catequista e modelo para o seu povo demonstrasse ser ele, como se diria, “reavivado” ou “renovado”. A essência deste tipo de “reforma” era um enriquecimento da compreensão da verdade de Deus, um despertar das afeições dirigidas a Deus, um aumento do ardor da devoção e mais amor, alegria e firmeza de objetivo cristão no chamado e na

vida de cada um. Nesta mesma linha, o ideal para a igreja era que através de clérigos “reformados” cada congregação na sua totalidade viesse a tornar-se “reformada” — trazida, sim, pela graça de Deus a um estado que chamaríamos de reavivamento sem desordem, de forma a tornar-se verdadeira e completamente convertida, teologicamente ortodoxa

e saudável, espiritualmente alerta e esperançosa, em termos de caráter, sábia e madura, eticamente empreendedora e obediente, hu-

— ■ —
*Boa vontade, paciência,
 consistência e uma atitude
 encorajadora eram vistas como
 as virtudes domésticas essenciais.*
 — ■ —

milde mas alegremente certa de sua salvação. Este era em geral o alvo que o ministério pastoral Puritano visava, tanto em paróquias inglesas quanto nas igrejas “reunidas” do tipo congregacional que se multiplicaram em meados do século dezessete.

A preocupação dos Puritanos pelo despertar espiritual em comunidades se nos escapa até certo ponto por seu institucionalismo. Tentemos a pensar no ardor de reavivamento como sempre impondo-se sobre a ordem estabelecida, enquanto os Puritanos visualizavam a “reforma” a nível congregacional vindo em estilo disciplinado através de pregação, catequismo e fiel trabalho espiritual da parte do pastor. O clericalismo, com sua supressão da iniciativa leiga, era sem dúvida uma limitação Puritana, que voltou-se contra eles quando o ciúme leigo finalmente veio à tona com o exército de

Cromwell, no quacrismo e no vasto submundo sectarista dos tempos da Comunidade Britânica. O outro lado da moeda, porém, era a nobreza do perfil do pastor que os Puritanos desenvolveram — pregador do evangelho e professor da Bíblia, pastor e médico de almas, catequista e conselheiro, treinador e disciplinador, tudo em um só. Dos ideais e objetivos Puritanos para a vida da igreja, os quais eram inquestionável e permanentemente certos, e dos seus padrões para o clero, os quais eram desafiadora e inquisitivamente elevados, ainda há muito que os cristãos modernos podem e devem levar a sério. Estas são apenas algumas das maneiras mais óbvias como os Puritanos nos podem ajudar nestes dias.

Em conclusão, elogiaria os capítulos do Professor Ryken [autor de *Santos no Mundo*], que estas observações introduzem, como uma detalhada apresentação da perspectiva Puritana. Tendo lido vastamente a recente erudição Puritana, ele sabe o que está dizendo. Ele sabe, como o sabem a maioria dos estudantes modernos, que o Puritanismo como uma atitude distinguidora começou com William Tyndale, contemporâneo de Lutero, uma geração antes de ser cunhada a palavra “Puritano”, e foi até o final do século dezessete, várias décadas depois que o termo “Puritano” havia caído do uso comum. Ele sabe que na formação do Puritanismo entrou o biblicismo reformador de Tyndale, a piedade de coração que rompeu a superfície com John Bradford, a paixão pela competência pastoral exemplificada por John Hooper, Edward Dering, e Richard Gre-

enham, entre outros, a visão da Escritura como o “princípio regulador” de culto e ordem ministerial que incendiou Thomas Cartwright, o abrangente interesse ético que atingiu seu apogeu na monumental *Christian Directory*, de Richard Baxter, e a preocupação em popularizar e tornar prático, sem perder a profundidade, tão evidente em William Perkins e que tão poderosamente influenciou seus sucessores.

O Dr. Ryken também sabe que, além de ser um movimento pela reforma da igreja, renovação pastoral, e reavivamento espiritual, o Puritanismo era uma visão de mundo, uma filosofia cristã total, em termos intelectuais, um medievalismo protestantizado e atualizado, e em termos de espiritualidade um tipo de monasticismo fora do claustro e dos votos monásticos. Sua apresentação da visão e do estilo de vida Puritanos é perspicaz e exata. Esta obra [*Santos no Mundo*] deveria conquistar novo respeito pelos Puritanos e criar um novo interesse em explorar a grande massa de literatura teológica e devocional que eles nos deixaram, para descobrir as profundidades da sua percepção bíblica e espiritual. Se tiver este efeito, eu pessoalmente, que devo mais aos escritos Puritanos do que a qualquer outra teologia que tenha lido, ficarei transbordante de alegria.

1 Este texto é a Apresentação do livro *Santos no Mundo*, Leland Ryken, Editora Fiel, 1992.

2 Citado de Wakefield, *Puritan Devotion*, p. x.

3 George Whitefield, *Works* (Londres, 1771), 4:306-7.

CARTA DE UM LEITOR

DEUS, O ESTILISTA

Antes de ler o livro da Editora Fiel intitulado *Deus, o Estilista*, pensava que o mundo tinha mudado e eu continuava atrasado em muitas coisas e, especialmente, em relação à moda. Por muitas vezes, eu e minha esposa chegamos a comentar que ficamos parados no tempo e como tem sido difícil encontrar roupas nas lojas que não estejam dentro dos padrões da moda atual.

Fiquei de certa forma aliviado ao perceber que não estou sozinho neste pensamento.

No livro *Deus, o Estilista*, o escritor aborda o assunto da vestimenta, começando com a definição de "modéstia"; ele continua mencionando o significado da própria palavra, mostrando também como Deus vestiu Adão e Eva, logo após a Queda. Com clareza e com base bíblica, ele mostra como Deus, sendo o Estilista, cobriu a nudez do casal e, ao contrário disto, no decorrer dos tempos, como Satanás tem feito de tudo para descobri-los e expô-los a nudez e vergonha. O autor ainda mostra, dentro da história, como os anos foram passando e como, no decorrer do tempo, homens e mulheres foram encurtando as suas vestimentas, em função da moda. Infelizmente, muitas igrejas têm se conformado com a mente do mundo e têm tomado a sua forma, inclusive na área da moda. Enfatiza também como os meios de comunicação, tais como televisão e cinema, têm sido instrumentos para a propagação de roupas indecentes.

Concluindo, ele chama a atenção da mulher, utilizando a ilustração da "vela" que pode incendiar a "pólvora", a qual ele coloca como sendo os homens. As mulheres devem ter o cuidado para não serem pedra de tropeço para os homens, com a falta de modéstia, vestindo roupas que mostram partes do corpo que deveriam ficar cobertas. Por outro lado, também chama a atenção do homem, dando o exemplo de que, assim como Adão não rejeitou o pecado e consentiu com Eva no mesmo pecado, ele é responsável e deve ensinar a mulher e aos filhos sobre a modéstia. Creio que este livro ajudará muitas pessoas nas igrejas a voltarem e olharem para a santidade, ensinando o povo de Deus a vestir-se de forma mais decente.

Pr. Joneri Gonçalves de Lima
Realeza, PR.